

**A FORÇA MOTRIZ DA HISTÓRIA
(Uma visão de Euclides da Cunha)**

LUÍS ANDRÉ NEPOMUCENO

"Nós renovaremos a nação, nos espalharemos sobre ela, a cobriremos com os nossos corpos brancos, e a engrandeceremos para a eternidade".

(Do discurso de Lentz. Graça Aranha, **Canaã**, I)

I. Demonstração da não-importância do ato sertanejo

Diz-se que em 1902, quando saía a primeira edição de **Os Sertões**, Euclides da Cunha ainda revisava e corrigia manuscritos (e desejaria revisar a própria edição impressa!) que dificilmente gostaria de modificar às pressas. Lenda ou não, o fato tem o seu sentido. A primeira sensação que se tem ao ler o romance é que o autor da saga de Canudos teve, ao final de suas conclusões, duas impressões diversas a respeito do fenômeno histórico-social: uma, a partir de seus pressupostos científicos; e outra, a partir de sua experiência como acompanhante voluntário do Exército.

Embora revestida de uma roupagem ideologicamente fanática e religiosa, Canudos parece esconder em sua ingenuidade um caráter de pura manifestação sociológica, guardando em si e deixando de mostrar antigos problemas sociais do povo brasileiro desde a formação de nossa sociedade latifundiária e escravocrata.

Vemos, em **Os Sertões**, que uma coisa é aquilo em que Euclides acredita como verdade e anuncia ao leitor, outra é aquilo que está inscrito em si mesmo e que ele irreprimivelmente florea em seu texto. Diríamos que uma coisa é Euclides jornalista e testemunha ocular da Campanha de Canudos, de cuja última expedição participou, outra é Euclides de 1902, quando termina a redação de seu livro máximo, já com todas as conclusões prontas. Como admitiu ele mesmo, o livro, "escrito nos raros intervalos de folga de uma carreira fatigante", perdeu a sua atualidade, admitindo para si mesmo uma outra feição. **Os Sertões**, que pretendia descrever a Guerra de Canudos, cai no seu oposto, que é esboçar os traços expressivos das sub-raças sertanejas no Brasil. São dois temas aparentemente inconciliáveis visto suas naturezas diversas. Um é pura e simplesmente uma questão sócio-política; o outro é antropológico. Mas Euclides da Cunha une-os num laço só, casa-os como se fosse um só problema, uma questão a ser resolvida. O que parece é que o segundo ponto - a questão antropológica das sub-raças brasileiras - cresce no livro e serve ainda para explicar a Campanha de Canudos.

Várias têm sido as tentativas de exposição dos verdadeiros motivos daquele que foi um dos mais significativos conflitos da história brasileira. O posicionamento mais ortodoxo vê o problema sob um prisma cômodo, que é a religiosidade e o fanatismo de Antônio Conselheiro e seus seguidores. Não entraria aí uma necessidade social, uma revolta dos oprimidos, mas apenas a loucura de uma turba de fanáticos.

Uma outra abordagem, mais satisfatória, esclareceria Canudos como uma questão social do Brasil, como uma revolta contra os latifundiários, contra a opressão escravocrata no sistema monocultor brasileiro, entrevista apenas pelo inconsciente coletivo das massas, já que concordamos com Euclides sobre a dificuldade do sertanejo em perceber certas abstrações políticas, bem como ideologias anárquicas e republicanas. É notável que Euclides tenha percebido as duas, e assumido ainda uma terceira, que está bem próxima da primeira, ideologicamente.

Tenhamos por princípio, primeiramente, que a descrição do homem entre a "terra" e a "luta" teve uma importância singular. Os atos dos sertanejos são uma explicação para a guerra, uma justificativa. Trataremos desse sertanejo antes de mais nada.

(1)

A primeira tentativa de Euclides é explicar com pormenores que a atitude do sertanejo, sob o ponto de vista do cientificismo e da investigação antropológica, não é válida. Para isso, ele parte de um princípio simples: o sertanejo é um delinqüente¹. Atitude extrema, mas não tanto para quem se apoiava nas teorias da Antropologia Criminal de Lombroso e Sighele, ou na psiquiatria antropológica de Maudsley, Tanzi e Nina Rodrigues. Está armado todo um aparato científico para uma demonstração prática. Demonstração esta que, na opinião de Euclides, irá provar uma série de teses nas quais acreditava.

Tudo indica que a base fundamental de **Os Sertões** está centrada na antropologia criminal de Lombroso. Criminologista italiano do final do século XIX, defendeu a tese de que o homem delinqüente pertence a um tipo biológico diferente do homem comum, sub-espécie essa que possui caracteres especiais, tanto físicos como mentais, sendo, assim, representante de uma classe diferenciada do gênero humano. O delinqüente seria, ainda, uma regressão a um ser inferior, primitivo, ancestral da espécie: "Mais est-il bien sûr que les types les plus dégradés de l'humanité actuelle nous offrent l'image fidèle de l'homme primitif?"².

Para traçar as características essenciais do "uomo delinquente", tipo humano específico, Lombroso apóia-se nas anomalias morfológicas físicas (tais como a descrição do cérebro, do crânio, da formação óssea) passa pelo estudo das funções vitais (como as secreções, sensibilidade ao odor e paladar) e dá voltas pelo aparato psicológico (como a análise da gesticulação, do passo, das tendências mentais e uma série de outras hipóteses que não deixamos de encontrar na descrição do homem sertanejo, sub-raça apontada por Euclides). Vejamos a descrição do delinqüente típico a partir de Lombroso:

*"Les sinus frontaux très apparents, zygomés et mâchoires très volumineux, orbites très grandes et très éloignées, asymétries du visage, type ptéléiforme de l'ouverture nasale, appendice lémurien des mâchoires"*³.

O tipo físico descrito tende acentuadamente para o homem negro, ou mesmo para o mestiço. Enfim, o negro foi uma das grandes figuras estigmatizadas em todos os continentes e épocas. O que é irreparável é a criação, por parte do observador antropológico, do estereótipo -dito científico- do delinqüente, a partir da figura do marginalizado social.

Façamos um breve estudo do homem delinqüente de Lombroso, visto por Euclides, na análise de seus caracteres essenciais:

1. O atavismo

Trata-se do termo usado por Lombroso para designar o conjunto de anomalias características dos delinqüentes e tipos anormais. Mas o que realmente denuncia o atavismo é o seu caráter de resgate das funções do homem primitivo. Ou seja, o homem que comete delito traz em si o primitivismo de nossos ancestrais, admitindo-se, portanto, que ele seja um retardatário na história. Carlos Díaz, em pequeno ensaio sobre Lombroso⁴, define atavismo como "los caracteres del hombre primitivo y de los animales inferiores que se

¹ Na verdade, são raros os momentos em que ele faz uso de expressões como "delinqüência", "banditismo" etc. Tudo indica que ele reforça mais os caracteres do delinqüente-nato de Lombroso do que realmente denuncia com todas as letras. Surpreendemos algumas como: "desordeiros" ou "banditismo sertanejo".

² LOMBROSO, C. *Anthropologie criminelle*, p.37.

³ LOMBROSO. Op. cit., p.10.

⁴ DIAZ, Carlos. "Cesare Lombroso: um desafio", in: LOMBROSO, C. e MELLA, R. *Los anarquistas*, p.8.

reproducen en nuestros tiempos", e conclui, de acordo com a tese de Lombroso, que "el delincuente es un salvaje resucitado, por un fenómeno de atavismo, en el seno de las sociedades civilizadas".

Lombroso consideraria todas aquelas anomalias físicas - tais como a deformação das orelhas, a presença de ossos anormais, a irregularidade do nariz, etc - como tendências genuinamente atávicas. No dizer de Díaz, Lombroso seria, talvez, ou certamente, um cientista "que exagera cuando descubre, sin descubrir aquello en lo que exagera"⁵. Mas o atavismo não se limita a isto. O criminologista italiano vê ainda algumas manifestações religiosas e políticas como verdadeiros fatores de atavismo na sociedade humana moderna. De acordo com ele, o anarquismo, por exemplo, "representa la vuelta al hombre prehistórico, antes que surgiese el paterfamilias"⁶.

Não são raras as citações que Euclides utiliza para evidenciar o caráter atávico do homem sertanejo. Ele também usa o termo "atavismo" em passagens como "documento vivo de atavismo" (p.121, referindo-se ao Conselheiro); "caso notável de atavismo na história" (p.114); "estigmas atávicos" (p.115). Ele insiste em mostrar o caráter primitivo e pré-histórico do homem do Nordeste e especialmente do Conselheiro: "o retrógrado do sertão reproduz o fâcies dos místicos do passado" (p.136); "uma regressão ao estágio mental dos tipos ancestrais da espécie" (p.122), ou na cuidadosa observação de homem de ciência: "A história repete-se" (p.123).

2. Fatores psicológicos

Lombroso define uma categoria especial de delinquentes, os natos, como agentes portadores de uma necessidade interior para o mal: "Le délinquant-né est poussé au crime par une force intérieure, acquise ou innée, d'où lui vient l'étrange plaisir qu'il goûte à mal faire"⁷. E a partir disto, ele caracteriza vários tipos de criminosos. Mas independentemente do tipo de delinquência, todos eles são rotulados com uma série de características comuns, tais como a vagabundagem, a obscenidade, dissimulação, a ausência de caráter, a irritabilidade instantânea, a megalomania, o caráter mau. Ele ainda insiste em identificá-los com os epiléticos, admitindo fatores como a falta de sensibilidade⁸.

Eis uma primeira relação entre Lombroso e Euclides da Cunha: o delinquente de Lombroso tem uma incrível resistência à dor: "la plus grande anomalie des criminels-nés, qu'on ne rencontre pas aussi exagérée même chez les sauvages, c'est la résistance à la douleur, l'analgésie"⁹. Essa insensibilidade à dor caracterizaria o selvagem e o idiota mental: "Le sauvage et l'idiot sentent très peu les douleurs physiques"¹⁰. Lembremos a atitude de Euclides em relação ao mestiço. Sua famosa frase: "O sertanejo é, antes de tudo, um forte" (p.95) denuncia bem sua idéia de que o povo do Norte é um inimigo difícil, que resiste até o último ataque, insensível à dor, à seca. "A seca não o apavora" (p.109). Daí a espantosa conclusão: "Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo" (p.473).

Seguindo de perto as conclusões da antropologia criminal lombrosiana, vemos que essa insensibilidade à dor física remonta a uma insensibilidade emocional, a uma falta de afetividade, que é percebida também nos loucos morais e gênios: "L'absence complète d'affectivité et de sens morale"¹¹. O aspecto de selvageria e barbárie é altamente enfatizado. Vê-se em **Os Sertões**, por exemplo, expressões tais como "bárbaro, impetuoso, abrupto" (p.99), aplicadas ao sertanejo, ou ainda "selvageria impiedosa" (p.442). Para Euclides, o jagunço é desprovido de qualquer conteúdo emocional, não teatraliza fatos da vida com o coração, é calculista e às vezes sádico:

⁵ Idem, p.7.

⁶ LOMBROSO, C. e MELLA, R. **Los anarquistas**, cap. I.

⁷ LOMBROSO, C. **Anthropologie Criminelle**, p.93.

⁸ A identificação vai também no nível de se colocar nessa categoria o gênio, fazendo analogia, por exemplo, do acesso epilético com o momento de inspiração da genialidade.

⁹ LOMBROSO. **Anthropologia criminelle**, p.73.

¹⁰ LOMBROSO. **L'Homme de génie**, p.46.

¹¹ Idem, p.89.

"O jagunço é menos teatralmente heróico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro.

Raro assume essa feição romanesca e gloriosa. Procura o adversário com o propósito firme de o destruir, seja como for (...). Não desperdiça a mais ligeira contração muscular, a mais leve vibração nervosa sem a certeza do resultado. Calcula friamente o pugilato" (p.100).

Lombroso descreve minuciosamente a patologia do homem criminoso, detalhando aspectos de seu comportamento e atitudes singulares. Faz observações sobre a personalidade da caligrafia, os gestos, o andar, sensações de olfato e paladar, etc. No que se refere ao andar, por exemplo, Lombroso aporta o aspecto de "gaucherie": "le pied gauche en se posant à terre, forme avec cette ligne un angle de déviation plus prononcé que l'angle formé par le pied droit"¹². O caráter irregular e torto do passo do delinqüente não deixaria de estar presente nas observações euclidianas: "Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas" (p.95).

3. Delinqüência e loucura

Não são raros os momentos em que Lombroso identifica o aparecimento de tendências criminosas em concomitância com distúrbios mentais. Nos delinqüentes "per impeto" a relação é mais enfatizada: "ce qui peut déterminer ce processus special à tendance criminelle dérive directement de conditions cérébrales dans les maladies mentales"¹³. A loucura torna-se um dos mais importantes objetos de estudo no final do séc. XIX, especialmente com a chamada escola positiva. Todas as tendências sociais, inclusive religiosas e políticas, são vistas à luz da psiquiatria e da chamada antropologia criminal. Há diversos pesquisadores (Sergi, Maudsley, Foville, Sighele) que admitem a identificação da tendência criminosa no curso das doenças mentais.

Não são também raras as expressões mordazes de Euclides na caracterização do Conselheiro, em função da loucura. Expressões como "paranóia", "histeria", "nevrose" estão sempre presentes no texto¹⁴, ou ainda expressões como "banditismo sertanejo" (p.156) no momento em que ele diz ser o sertanejo um saqueador de lugares e um conquistador de cidades.

Mas a loucura tem uma explicação mais cuidadosa nos estudos de Lombroso. E ela estaria intimamente relacionada com as tendências políticas e religiosas naquilo que ele chamaria de epilepsia política ou historismo político. Com um misto de observações históricas e psiquiátricas, Lombroso define o louco como um objeto de veneração entre os povos de civilização mais atrasada:

"Le fou, parmi les sauvages et chez les anciens peuples semi-barbares n'a point une importance clinique, mais historique; il est craint, adoré par les masses et souvent il tient le sceptre entre ses mains"¹⁵.

A veneração do louco pelas massas não civilizadas é, antes de tudo, o tema central da construção de Canudos e é em todos os seus aspectos explorada por Euclides. Lombroso esclarece algumas das explicações possíveis para esse fenômeno social: 1) o povo não está acostumado a conviver com sensações novas e estranhas,

¹² LOMBROSO. *Anthropologie criminelle*, p.80.

¹³ Idem, p.124. De acordo com Sergi, *Des dégénérações humaines*.

¹⁴ Veja-se portanto o levantamento do léxico de Euclides para a caracterização do mestiço e do Conselheiro. Os números que acompanham referem-se às páginas. Para o mestiço: desequilibrado, histérico, desequilíbrio nervoso, decaído (91); deplorável situação mental (7), instabilidade, deprimidos (92); mutilados inevitáveis, degenerado (93); retardatários (94); bárbaro, impetuoso, abrupto (99); primitivo (114); nevrose coletiva (163). Para o Conselheiro: nevrótico vulgar, psicose progressiva, infeliz, espírito torturado de reveses, consciência delirante (121); doente grave, paranóia (122); gnóstico bronco, paranóico indiferente, retrógrado, degenerescência intelectual (123); monstro (130); asceta (134); assombroso (136); doído (164).

¹⁵ LOMBROSO, *L'Homme de génie*, 3e. partir, IV, p.384.

sem venerá-las; 2) o louco é dotado de grande força muscular e o povo respeita essa força; 3) admira-se a invulnerabilidade do louco ao frio, fogo, ferimentos, etc; 4) os próprios loucos admitem para si mesmos uma inspiração que impõe respeito; 5) a força de pensamento e vontade dos loucos é superior às massas que ele agita; e 6) a mania nos povos bárbaros assume sempre uma força epidêmica¹⁶.

Euclides parece se ater mais a essa última conclusão. Sabemos que a loucura maníaca sempre foi aparentada como motivo de epidemias mentais nas massas não evoluídas. O motivo disso, na conclusão lombrosiana, é antes de tudo a veneração pelo indivíduo tomado como modelo. Mas esse fenômeno é somente registrado pelo isolamento e ignorância que acompanham a barbárie. Nosso cenário está montado: Canudos é o mundo bárbaro isolado pela natureza rústica, e o Conselheiro é o verdadeiro louco condutor das massas, o provocador de uma epidemia de nevrose que se alastra pela população. Essa posição extrema de Euclides é entrevista pelo leitor em expressões como "aura de loucura" ou "ritual fetichista". A idéia de epidemia alastrante pode ainda ser notada em "o misticismo de cada um, porém, ia-se a pouco e pouco confundindo na nevrose coletiva" (p.163).

4. Influências do meio

O primeiro fator de influência sobre a criminalidade, e em especial sobre a loucura, é a ação do clima¹⁷. O aumento da temperatura implicaria uma elevação brusca de acessos maníacos, principalmente se manifestada num golpe abrupto: "Les jours où le baromètre signalait des brusques variations - en élévation surtout - et principalement deux ou trois jours avant ou après la variation, le chiffre des accès s'élevait rapidement de 34 a 46"¹⁸. Lombroso fixa a temperatura de 32°C como determinante na loucura. O termômetro de Euclides oscila em até 35° em madrugadas frias. Ele observa que essa intercadência agrava "todas as angústias dos martirizados sertanejos".

Um outro fator provocado pelo meio, de extrema importância na composição das doenças mentais, é a miscigenação. O seu "parêntesis irritante" sobre o mestiço, em **Os Sertões** talvez seja um dos trechos mais duros e radicais de todo o livro. Euclides denuncia o mestiço como um desequilibrado nervoso sem terapêutica, um decaído histórico, surgido repentinamente na história. Segue-se a teoria antropológica de que a miscigenação acarreta gravíssimos distúrbios nervosos. Não deixaríamos de ver em sua conclusão "irritante" ecos das teses lombrosianas:

"A mistura de raças mais diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior" (p.91)

*"Il faut remarquer, ici, que tandis que les croisements avec les races supérieures donnèrent les meilleures resultats, les croisements avec les races inférieures donnèrent des mauvais produits"*¹⁹.

(2)

A religião foi um dos fenômenos mais importantes nas engrenagens da Campanha de Canudos, embora isso ainda mereça uma discussão mais detalhada. É difícil precisar a real atitude de Euclides face a esse

¹⁶ Idem, pp. 389-391.

¹⁷ Há ainda a ação dos ventos, das estações, bem como da pressão atmosférica. Cf. LOMBROSO. **L'Homme de génie**, 2e. partie, II.

¹⁸ LOMBROSO. **L'Homme de génie**, p.144.

¹⁹ LOMBROSO. **L'Homme de génie**, 2e. partie, III, p.196. Lombroso exemplifica ainda o próprio caso da América que teve seus brancos e mulatos, nas Antilhas, desorganizados e desmoralizados socialmente pelos negros tomados cidadãos.

problema. Tudo indica que o autor de **Os Sertões** não aderiu a qualquer movimento religioso²⁰, nem mesmo à religião positiva de Comte, embora esta tivesse mesmo um caráter social. Mas no livro há marcas da abordagem cientificista de Renan, do positivismo e do animismo fetichista dos mestiços do Norte. Inevitavelmente, trata-se de um violento choque de culturas.

O termo "animismo" é também emprestado de Nina Rodrigues. Consiste na "atribuição" a cada ser e a cada coisa de um *double*, fantasma, espírito, alma, independente do corpo onde faz residência momentânea²¹. Ele está presente, por exemplo, no "beija das imagens", ou mesmo na figura do Conselheiro. E nesse sentido Euclides é um Renan incrédulo frente à espiritualidade e ao aspecto sobrenatural dos fenômenos²². Durante todo o texto, Antônio Conselheiro é identificado - e não raras vezes - com os místicos iniciadores do Cristianismo ("adoidados chefes de seita dos primeiros séculos" (p.136); "permanente refluxo do cristianismo para o seu berço judaico" (p.139), correspondendo às idéias Renan²³. Euclides, como Comte, faz severas críticas ao apostolado ocidental e à conceituação do termo religião apesar de não aderir ao positivismo enquanto religião²⁴.

A religiosidade do Conselheiro talvez não se encaixe no atavismo lombrosiano. Tudo indica que há, de fato, um catolicismo extremado, um dogmatismo místico. Suas prédicas aos canudenses, por exemplo, tratam única e exclusivamente do Antigo e Novo Testamento (além do discurso sobre a República). Não se pôde confirmar nenhuma alusão herética em seu texto.

Euclides insiste na loucura e na religiosidade - e não raro as duas estão identificadas. Mas ele insiste também no que se definirá como "historicismo político", na acepção de Lombroso, ou mesmo naquela conexão inusitada entre criminalidade e epilepsia (política):

*"La vanidad, el misticismo o exagerada religiosidad, las alucinaciones vivísimas y muy frecuentes, la megalomanía y la genialidad intermitente, unidas a la acometividad propia de los epilépticos y de los históricos, son atributos comunes a los inovadores políticos y religiosos"*²⁵.

II. Canudos: "força motriz da história"

E Canudos é reduzida a isso: força motriz da história. A expressão, usada duas vezes por Euclides, vem de Gumpłowicz, sociólogo austríaco que explicava a destruição das raças fracas pelas raças fortes. A teoria vem provavelmente das conclusões do evolucionismo de Darwin, na explicação para a luta pela

sobrevivência. E aplicar isso à campanha de Canudos foi um dos objetivos de Euclides. Euclides não determina fatores sociais, tais como o sistema latifundiário e a economia feudal do Brasil como os verdadeiros provocadores da guerra, por atribuir aos fatores de raça o desnível de evolução e cultura entre o mestiço do Norte e o homem do litoral, moderno, urbanizado.

²⁰ Há notícia somente de uma exaltação comedida de Euclides em relação a Anchieta, referindo-se a este como um resgate dos missionários do passado: "O grande missionário reconcilia-nos com a Companhia de Jesus. É o seu maior milagre" (CUNHA, Euclides da. "Anchieta", in **Contrastes e confrontos**, p.49).

²¹ Nina Rodrigues. **O animismo fetichista dos negros bahianos**, pp. 27-28.

²² Renan deixa claro, por exemplo, que Jesus não teve poderes sobrenaturais nem tampouco possuía segredos e revelações dos céus. Veja-se por exemplo: "Dissimulant la vraie cause de sa force (de Jesus), je veux dire sa supériorité sur ce qui l'entourait, il laissait croire, pour satisfaire les idées du temps, idées qui d'ailleurs étaient pleinement les siennes, qu'une révélation d'en haut lui découvrait les secrets et lui ouvrait les coeurs" (Renan, E. **Vie de Jésus**, cap. IX, p.170).

²³ Cf. especialmente **Marco-Aurélio**, citado por Euclides, e **A Igreja Cristã**, na crítica às origens dos primeiros cristãos moralistas, que já traziam as idéias do pecado da mulher, de castidade, humildade e outras virtudes: "É proibido tomar parte nas festas dos pagãos, assistir aos espetáculos, aos jogos, às reuniões profanas (...). Os cristãos devem comer juntos, viver juntos, formar um grupo de santos". Renan, E. **Marco-Aurélio**, p.68.

²⁴ O re-ligare de Comte está a um nível puramente de unidade social e moral. Corresponde a uma síntese, porém no domínio do espírito. Esse princípio proporia o prevailecimento da sociabilidade sobre a personalidade. Cf. COMTE, A. **Catecismo positivista**, p.42.

²⁵ LOMBROSO e MELLA. **Los anarquistas**, p.32. Nessa identificação Maudsley reconhece que o grande iniciador religioso Maomé deveu sua primeira visão reveladora a um ataque de epilepsia, que lhe deu o título de "inspirado dos céus".

A crítica historiográfica vê hoje Canudos como uma revolta social, protesto de uma classe oprimida²⁶, como, aliás, a guerra ficou conhecida fora do Brasil. Parece que Euclides teve consciência destes aspectos sociais. Há algumas evidências disto em seu texto. Ele "denuncia" a posição subserviente do jagunço em relação aos sesmeiros: "Os vaqueiros são-lhes servos submissos" (p.101); "cuidando, a vida inteira, fielmente, dos rebanhos que lhes não pertencem" (idem), ou ainda "entregam-se, abnegados, à servidão que não avaliam" (idem). Mas tenhamos muito cuidado com estas notas esparsas, raras, salpicadas no texto.

Euclides vê no sistema latifundiário um "velho vício histórico" (p.101). Mas até que ponto deve ser corrigido e reelaborado? Talvez, como admite Gilberto Freyre, "os preconceitos cientificistas - principalmente o da raça - lhe tivessem perturbado a análise e a interpretação de alguns dos fatos da formação social do Brasil que seus olhos agudos souberam enxergar"²⁷. Iríamos mais longe: acreditamos que o racismo cientificista está mais do que enraizado na obra, mas talvez não tenha obscurecido a análise do problema social.

Euclides oscila na caracterização do sertanejo. Sua primeira tendência é a identificação com a criminalidade e a loucura, mas há no final expressões inusitadas como "heroísmo dos matutos" (p.449) ou "valentes martirizados" (idem). Há, mesmo, uma verdadeira inversão de valores anteriores especialmente na cena da degola, quando diz que nem mesmo o jagunço, apesar de seus três séculos de atraso, seria tão bárbaro quanto o exército em sua "vulgaridade completa" (p.440). Deparamos com frases como: "Aquilo não era uma campanha, era uma charqueada. Não era a ação severa das leis, era a vingança" (p.442). E a descrição dos cadáveres dos jagunços torna-se cada vez mais feroz. O heroísmo do mestiço agora comove o adversário. Idéias bem inesperadas para quem se entregou ao oposto durante centenas de páginas.

Arma-se aqui um impasse.

Diz a "nota preliminar": "E foi (a campanha), na significação integral da palavra, um crime" (p.8). E suas "duas linhas" ao final também trazem a idéia dos "crimes das nacionalidades" (p.475). Mas essa idéia de crime é altamente ambígua (crime de quem? ou contra quem?, de fato) e paradoxal, levando-se em conta que, segundo ele mesmo, Canudos representa o primeiro assalto de um "esmagamento *inevitável*" das raças fracas pelas raças fortes" (p.7). Euclides admite que os mestiços são, antes de tudo, um povo efêmero: "retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo" (p.7).

Aquele seu "o mestiço é um intruso" (p.92) talvez seja uma das observações mais fortes do texto, visto que um intruso na história é um ser nascido sem a "integração dos esforços", sem ser convidado. É forte a necessidade de extinção do mestiço como raça temporária da história, que anula a idéia de crime. E aqui surpreendemos Euclides transmutando seu "*foi* um crime" por "*seria* um crime inútil e bárbaro, se não se aproveitasse os caminhos abertos à artilharia para uma propaganda tenaz, contínua e persistente, visando trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aqueles rudes compatriotas retardatários" (p.405).

III. Conclusão

Os Sertões tornam-se antes de tudo um romance de tese, com tendências pré-modernas e argumentação realista-naturalista. Resta-nos tratar do "crime de nacionalidade". A relação psiquiatria e direito penal é enfocada no livro em não poucas páginas, o que Euclides deve a Nina Rodrigues, que participou do estudo da patologia do místico Antônio Conselheiro. Os progressos então recentes da psiquiatria no final do século XIX, tendiam para a consolidação de várias outras ciências e áreas afins do conhecimento humano, inclusive a própria legislação do país: "Je suis certes bien éloigné de refuser à la médecine le droit d'intervenir dans la préparation des lois" (Tardieu, **Etude médico-légale sur la folie**, Paris, 1877. Apud Nina Rodrigues. **O alienado no direito civil brasileiro**, 1901).

Durante o período de redação de **Os Sertões** estavam vigentes as três propostas de legislação brasileiras - projeto Bevilacqua, projeto Coelho Rodrigues e projeto Felício dos Santos - baseadas em modelos estrangeiros,

²⁶ Cf. por exemplo, Ataliba Nogueira (**Antonio Conselheiro e Canudos**, 1974); Edmundo Muniz (**Canudos: a luta pela terra**, 1984), ou José Sola (**Canudos: uma utopia no sertão**, 1989).

²⁷ FREIRE, Gilberto. **Atualidade de Euclides da Cunha**, p.19.

especialmente no que dizia respeito à loucura, à insanidade abordada do ponto de vista mental, psiquiátrico e antropológico. A legislação brasileira enumerava três estados de insanidade mental que excluía capacidade civil: moléstias mentais (loucuras e afasia), invalidez mental (imbecilidade, surdo-mudez, idiotia) e anormalidade psíquica (estados sonambúlicos, hipnóticos; paixões, embriaguez, sensibilidade)²⁸. Legalmente, portanto, a atividade jurídica e civil dos alienados não era válida, devendo esta ser transferida a curadores.

Ora, Euclides incluiria, no caso das moléstias mentais, a situação do Conselheiro e seu bando: "as linhas essenciais do crime da loucura", p.474), invalidando, assim, toda sua capacidade civil e jurídica.

Uma explicação para isso - com todo o aparato científico e meias verdades antropológicas - seria o das perigosíssimas conseqüências da miscigenação. A tese de Gumpowicz esbarra aí em sérios problemas, que Euclides mesmo admite: A força da história - destruição inevitável das raças fracas pelas raças fortes - encontra na mestiçagem uma situação nova, perturbadora.

Euclides admite que a diluição no cruzamento, que se deu vagarosamente, age, por assim dizer, como processo redutor, no decorrer das idades. Acredita que o abandono do sertanejo no Norte foi benéfico, no sentido de não forçá-lo a uma adaptação, inexequível, a uma civilização superior. Fica clara a sua ambigüidade final: Euclides parece entrever um conflito social e reconhecer que o sertanejo é discriminado e injustiçado. Mas ao mesmo tempo, não consegue desprender-se dos preconceitos do determinismo positivista de Lombroso e Nina Rodrigues. Deixemos que o próprio Euclides, a partir do pressuposto da efemeridade da raça mestiça, tire as suas conclusões:

"Amanhã se extinguirão de todo". (p.7)

"A raça forte não destrói a fraca pelas armas, esmaga-a pela civilização" (p.93).

REFERÊNCIAS

COMTE, Augusto. **Catecismo positivista**. Trad. Miguel Lemos, Rio de Janeiro, Sede Central da Igreja Positivista do Brasil, 4ª edição, 1934.

_____. "Curso de filosofia positiva". in: **Comte** (Os Pensadores), São Paulo, Ed. Abril.

CONSELHEIRO, A. "Prédicas aos canudenses e um discurso sobre a república", Belo Monte, Província da Bahia, 1897. in: NOGUEIRA, Ataliba. **Antonio Conselheiro e Canudos**. São Paulo, Nacional, 1974.

COSTA, J. Cruz. **Augusto Comte e as origens do positivismo**. São Paulo, col. da Revista de História, 1951.

CUNHA, Euclides da. **Contrastes e confrontos**. São Paulo, Cultrix, 1975.

_____. **Os Sertões** São Paulo, Círculo do livro, s/d.

FREIRE, Gilberto. **Atualidade de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro, Ed. da Casa do Estudante do Brasil, 1941.

LOMBROSO, Cesare. **L'Anthropologic criminelle et ses récents progrès**. Paris, Ancienne Librairie Germer Baillièrre et cie, 1904.

_____. **L'Homme de génie**. trad. par Fr. Colonna d'Istria, Paris, Librairie Félix Alcan, 2ème édition, 1986.

_____. e MELLA, R. **Los anarquistas**. Madrid, 1973.

MONIZ, Edmundo. **Canudos: a luta pela terra**. São Paulo, Global, 1984.

NOGUEIRA, Ataliba. **Antonio Conselheiro e Canudos**. São Paulo, Nacional, 1974.

NINA RODRIGUES. **O alienado no direito civil brasileiro**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 3ª edição, 1939.

_____. **O animismo fetichista dos negros bahianos**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1935.

²⁸ Nina Rodrigues. **O alienado no direito civil brasileiro**, 3ª edição, cap.I.

RENAN, Ernest. **A Igreja cristã**. Trad. Eduardo Pimenta, Porto, Liv. Lelo e Irmão, 1929.

_____. **Marco-Aurélio**. Trad. Eduardo Pimenta, Porto, Liv. Le e Irmão, 1929.

_____. **Vie de Jésus**. Paris, Calmann Lévy Éditeur, 25ème édition, 1895.

SOLA, José A. **Canudos: uma utopia no sertão**. São Paulo, Contexto, Col. Repensando a História, 1989.